

3 Léane



Com muito cuidado, passei uma camada de verniz roxo pela unha do dedo indicador. Adorava vernizes de todas as cores, menos preto e vermelho.

A minha aversão ao vermelho era pessoal.

No entanto, e quanto ao preto, tratava-se de uma questão óbvia. Que coisas positivas simbolizava? Quase nenhuma.

Em pequena, a minha mãe tinha pintado um quadro assustador, no qual representara uma floresta escura. A cor predominante era o preto, mas também havia pormenores em vermelho, pois os troncos das árvores pareciam chorar sangue. Aquele quadro assustava-me tanto que comecei a ter pesadelos. E embora eu nunca tivesse sabido explicar por que me aterrorizava tanto, a mamã não esperou que algum cliente o comprasse e decidiu oferecê-lo. Mal o quadro saiu pela porta de casa, voltei a sonhar com florestas encantadas cheias de luz, repletas de fadas e simpáticos coelhinhos brancos.

Infelizmente, eu não herdara o lado artístico da mamã, mas pintar as unhas parecia-me relaxante. Implicava concentração para ser bem feito.

Mantinha-me ocupada cerca de vinte minutos — quando decidia incluir desenhos, podia demorar mais de uma hora. — Dependendo do estado de espírito, optava por uma ou outra cor. Naquela ocasião escolhi o roxo, que me transmitia calma e tranquilidade.

As aulas tinham começado havia apenas uma semana e eu tinha estado muito ocupada a preparar-me para o *casting* do Concurso Jovem

Promessa. Redigi mais de uma dúzia de reportagens que descartei, principal razão pela qual mal saíra do recinto universitário. Era a primeira noite que íamos passar um bom bocado a divertir-nos fora dos muros da residência.

Durante o verão, saímos muitas vezes. Percorremos a cidade, passeámos pelas ruas de Reading e tirámos mil fotografias, como se fôssemos turistas. Conhecemos os bares mais movimentados, visitámos alguns museus e monumentos famosos... Tudo era bastante diferente, pois apenas havia estudantes, com exceção dos que frequentavam o curso para estrangeiros.

Porém, o que mais se destacou foi ter conhecido o Nathan. Era um rapaz norte-americano que vivia perto do Texas e entrara na Universidade de Reading graças a uma bolsa desportiva, por ser uma promessa futebolística. Passava o dia a falar de remates, golos, posições estratégicas...

Era uma pena eu odiar futebol.

Não era um ódio profundo por razões concretas, era antes um ódio do género não-entendo-o-que-fazem-atrás-de-uma-bola.

Por sorte, o Nathan tinha também outras facetas interessantes. Era gracioso — adorava contar anedotas, embora de vez em quando se repetisse —, eu gostava do seu sotaque acentuado e do estilo formal de vestir. Tinha um sorriso inocente e o penteado perfeito.

O único problema era que, ao fim de mais de um mês a sair, ainda não sabia classificar a nossa relação. Entendia que o Nathan seria infantil se me dissesse: «Léane, queres namorar comigo? Estou completamente apaixonado por ti...» Bem, é claro que este tipo de declarações estava fora de contexto, já não tínhamos dez anos. Além do mais, eu fugiria apavorada, provavelmente, se ele pronunciasse tais palavras. No entanto, seria interessante poder responder qualquer coisa mais concreta sempre que alguém me perguntasse que relação tinha com o Nathan. Eu nunca sabia se se tratava de um amigo, de um amigo colorido ou de um namorado. Ele nunca me apresentava às suas novas amizades com um: «Pessoal, é a minha namorada.» Não. O Nathan limitava-se a comentar: «Ei, pessoal, apresento-vos a Léane.»

A Lissa abriu de repente a porta do quarto. Por causa do susto que apanhei, o pincel saiu do perímetro da unha.

— Merda! Passa-me o removedor de verniz.

— Léane, são nove e vinte! — queixou-se antes de me passar o frasco e um disco de algodão.

— Eu sei — respondi. — Não me enerves mais, já sinto ansiedade suficiente por ir a essa festa... Sabes que odeio multidões. Preferia um programa mais tranquilo.

— Não te preocupes, vais estar comigo. — Sentou-se na cama, ao meu lado. — E também vão a Rachel, o Nathan, a Zandra, a Sadie...

Franzi a testa enquanto guardava os vernizes no *nécessaire*. Pus as mãos no ar, para não estragar de novo a manicure, e olhei-me ao espelho. Usava um vestido azul-escuro justo que contrastava com o cabelo loiro. Tinha passado grande parte da tarde a experimentar roupa e, no fim, o vestido escolhido não me convencia.

— Estás magnífica! Anda, vamos embora.

Tirei um casaco do armário, apesar de saber que seria das poucas raparigas a usar um. Não queria morrer de hipotermia. Inexplicavelmente, as raparigas inglesas tinham uma temperatura corporal especial e incompreensível, graças à qual podiam dar-se ao luxo de usar vestidos de verão em pleno inverno ou deitarem-se seminuas na relva mal aparecia um raio de sol. Era algo que eu continuava a não entender.

Quando acabei de abotoar o último botão, suspirei resignada e enfiei um pacote de *M&M's* no bolso, antes de sair do quarto. Adorava aqueles chocolates. A vida seria infinitamente mais amarga se não existissem. Era viciada neles.

Sáímos do recinto da residência cinco minutos depois e caminhámos rua abaixo apenas acompanhadas pelo som dos saltos dos sapatos, que repicavam sobre a calçada. A Lissa deu-me o braço e sorriu emocionada.

— Ainda mal acredito que és finalista! Vais ver, vamos festejar de forma bombástica.

Conhecia a Lissa Leveque desde que podia lembrar-me. Andávamos juntas desde o colégio bilingue em França e, além disso, os nossos pais

eram grandes amigos. Assim que ela soube que me tinham concedido a bolsa universitária, elaborou um plano para que os pais a deixassem estudar na mesma faculdade que eu.

Antes de mais, focou-se em convencê-los da importância de não perder contacto com a língua inglesa, garantindo-lhes que o idioma cairia no esquecimento com o passar do tempo.

A seguir, alegou que a experiência lhe traria maturidade e que, se a deixassem ir, as suas notas globais seriam excelentes. Também afixou fotografias da Universidade de Reading nas paredes do quarto, garantindo que isso funcionaria como publicidade subliminar.

Por fim, prometeu que iria comportar-se como uma freira num convento, basicamente.

Os pais cederam.

Os pais da Lissa eram encantadores, mas tinham problemas sérios de controlo em relação às duas filhas. Ela sentia-se frequentemente oprimida com a pressão que exerciam. Apesar de já ter feito dezoito anos, tratavam-na como se fosse uma menina de doze. Ligavam-lhe a toda a hora e, de vez em quando, até pediam para falar comigo, a fim de verificarem se as coisas corriam bem. Geralmente, o pai questionava-me sobre os rapazes e suspirava de alívio quando ouvia que a Lissa não estava a sair com ninguém; como se o facto de uma coisa do género poder ocorrer ser pior do que uma catástrofe nuclear.

De modo que ali estávamos nós, em Reading, uma cidade que me agradara mais do que eu imaginava em direção à discoteca Oceans, onde nos esperavam os poucos estudantes com os quais tínhamos estabelecido algum tipo de relação.

À porta, estavam dois seguranças enormes, vestidos de preto da cabeça aos pés, que nos deixaram passar depois de cobrarem a entrada e comprovarem através do cartão de cidadão que éramos maiores de idade.

No interior, luzes de várias cores piscavam de forma intermitente à volta da primeira sala da discoteca; o brilho que saía dos focos misturava-se com as sombras dos estudantes que dançavam sem parar, movimentando o corpo ao som da música. Estava a tocar uma música

tecno com uma batida constante e repetitiva, capaz de afetar qualquer mente sã. Dentro do espaço fazia calor. Imenso calor. Era uma espécie de sauna enorme.

— Apetece-te beber alguma coisa?

Sem esperar pela resposta, a Lissa pegou na minha mão e fomos juntas até ao bar. Embora a zona onde serviam as bebidas ficasse a apenas alguns metros, demorámos mais de cinco minutos até lá; não foi uma tarefa fácil passar pelo meio de tanta gente.

O bar estava repleto, como se tivesse ocorrido ali um homicídio, com os jovens a cercá-lo em jeito de cordão policial. Na origem do problema estava o facto de os clientes preferirem consumir as bebidas à volta daquele espaço reduzido, impedindo-nos de fazer o nosso pedido.

— Abram alas, por favor — repetia a Lissa vezes sem conta, sem um pingo de vergonha. — Sim, deixas-me passar?

Ficámos numa esquina do bar, onde só havia duas pessoas à nossa frente na fila. Comecei a olhar e perguntei-me onde estaria o Nathan. Saímos com ele essa noite, mas também com a Rachel, nossa colega de quarto, e com a Zandra e a Sadie, duas raparigas que tínhamos conhecido numa aula de documentação e informação.

— Posso passar? — continuou a Lissa a perguntar.

— Não — respondeu um rapaz, antes de olhar para mim e sorrir de uma forma parva. — Que tal a noite, Léane?

Pronunciou mal o meu nome. Arrastou as palavras como se estivesse enjoado, ao ponto de colocar o acento na última vogal.

A Lissa apontou para ele com desprezo.

— Conheces este idiota?

O Blake Lekker olhou para nós imperturbável. Parecia divertir-se com a situação, e continuou a ocupar grande parte do balcão com o braço direito apoiado no tampo de madeira. O rapaz ao lado colocou a mão por cima do seu ombro.

— Vamos lá, Blake, deixa-as passar — disse o jovem.

Tinha o cabelo ligeiramente ruivo e olhos grandes e expressivos. Havia algo nele que transmitia tranquilidade.

O Blake revirou os olhos, mas depois afastou-se, continuando a sorrir. Quando deu um passo atrás, reparei que cambaleava. Inclinei-me para a Lissa a fim de lhe sussurrar.

— É um dos finalistas e...

Parei de falar quando o seu amigo se apresentou, dizendo que se chamava Adam. Enquanto a Lissa conversava com ele animadamente, aproximei-me um pouco mais do meu objetivo e consegui tocar com a ponta dos dedos no tão desejado bar da discoteca. Era quase um milagre.

Definitivamente, Deus amava-me.

Levantei e abanei as mãos, tentando chamar a atenção de alguma empregada.

— O que vai ser? — perguntou uma jovem com o cabelo pintado de rosa-choque.

— Duas cervejas! — gritei, com alegria, antes de lhe entregar os bilhetes da entrada para obter o desconto de quarenta por cento aplicável à primeira bebida.

Quando me apanhei com uma cerveja em cada mão, senti-me orgulhosa, como se tivesse acabado de escalar o monte Everest. Virei-me, pronta para escapar daquela sala apinhada, mas o Blake Lekker surgiu no meu caminho.

— Sabes que vais perder, não sabes?

— Desculpa?

Mantive a testa franzida perante aquela situação incómoda. Virei a cabeça e notei que a Lissa continuava a conversar com o Adam. Parecia muito animada e gesticulava exageradamente. Tinham-se afastado de nós. *Brilliant*.

— Estou a dizer que vais perder o concurso. É uma pena — respondeu, levantando os cantos dos lábios. Quando voltou a falar, o seu sorriso cativou-me por instantes e o som da sua voz pareceu-me mais rouco do que de costume. — Embora, para ser honesto, não me importe nada de te consolar quando isso acontecer.

Tentei não corar, mas em vão.

— Acho que já bebeste demais.

— Talvez. — Encolheu os ombros e tentou tirar-me uma cerveja das mãos, mas pus a garrafa fora do seu alcance. Noutra situação qualquer, oferecer-lha-ia, mas não depois daquela odisséia e de suportar o seu timbre de voz irritante a dizer frases sem sentido.

— Estou a ver que bebes com entusiasmo — observou o Blake.

— É para não me lembrar das parvoíces que estás a dizer.

Ignorei-o e procurei a Lissa com os olhos para confirmar que se afastava cada vez mais de nós, enquanto conversava animada com o Adam. Quando olhei de novo para o idiota que estava à minha frente, reparei que tinha o rosto voltado para o teto da discoteca, um teto preto e liso; observava-o com atenção, como se lá houvesse uma obra de arte só visível para ele.

A curiosidade venceu a batalha com o bom senso:

— O que é suposto estares a ver?

— O teto, é óbvio — respondeu, como se a resposta fosse lógica e eu a esquisita por me perguntar o que raio estava ele a fazer.

— Devias parar de beber — aconselhei.

— E tu devias deixar de ser tão chata.

Quando passei ao seu lado, contive-me para não lhe dar uma cotovelada. Interrompi a conversa fascinante da Lissa com o Adam e pedi-lhe que fôssemos procurar os nossos amigos.

— Tão cedo? Temos toda a noite pela frente! — protestou.

O Adam fez-me um sorriso enorme, na tentativa de me reter ali. Não, nem pensar.

— Por isso mesmo — respondi. — Têm muitas horas pela frente para se conhecerem melhor, mas agora preciso de encontrar o grupo — expliquei, quase aos gritos por causa do volume da música. Não estava nos meus planos ficar ali plantada, naquela confusão e a ser um empecilho.

O rapaz não parava de sorrir. Eu não percebia o que achava tão engraçado, não conseguia apanhar a piada.

— A tua amiga está certa. — Inclinou a cabeça a fim de olhar para a Lissa. — Podemos ver-nos daqui a pouco. O Blake está no auge e eu sou a sua ama particular. É melhor vigiá-lo de perto.

A Lissa soltou uma gargalhada, como se o Adam fosse a pessoa mais divertida do mundo, à altura de um comediante profissional. Esforcei-me por não deixar escapar nenhum gesto que revelasse o desconforto que começava a sentir. Primeiro, relacionar-me com estranhos não era o meu ponto forte e, muito menos, testemunhar o idílio que se desenhava à minha frente. Pensei em cravar o olhar no teto da discoteca, como fazia o Blake, porque era melhor do que ver o Adam e a Lissa naquele *flirt*.

Por fim, ela pegou no telemóvel e pediu o número dele com toda a naturalidade, sem pingo de vergonha. E, apesar da escuridão do local, apercebi-me de como ele corava. *Quel amour*.

Quando estava quase a dar-me por vencida, eles despediram-se e, sem mais interrupções, conseguimos avançar por entre a multidão e chegar a outra sala, mais sossegada, onde se ouvia música dos anos oitenta. Suspirei de alívio quando a música *tecno* se tornou praticamente inaudível.

— Lissa, sei que esse tipo parece inofensivo, mas avança com cuidado. Não me inspira confiança o facto de ele ser amigo do Blake.

— Chama-se Adam — sublinhou ela. — E é fixe.

Revirei os olhos, mas quando vi as mãos da Rachel no ar, mudei de atitude. Enquanto nos aproximávamos, procurei o Nathan com o olhar, até que o localizei. Estava a dançar com uma rapariga morena.

Uma-miúda-que-não-era-eu. *Logiquement*.

Respirei fundo. Não queria parecer paranoica, mas era que... Não era chato não saber se aquele rapaz era meu namorado ou, pelo contrário, estava disponível para todas as outras?

— Estávamos a ver que nunca mais chegavam! — gritou a Rachel, enquanto cumprimentávamos a Zandra e a Sadie.

A Rachel começou a dançar como se tivesse ficado louca depois de nos encontrarmos; movendo as ancas ao som da música. Olhei de lado para o Nathan, que se afastara mais do grupo sem se aperceber da nossa chegada, uma vez que continuava a divertir-se com a desconhecida. Voltei a fixar o olhar na Rachel. Não ia ser eu a dizer ao Nathan: «Olá, estou aqui, podes dignar-te cumprimentar-me? *Merci!*»

Bebi um gole de cerveja e decidi fingir que não me importava de ser ignorada. A Rachel pegou na minha mão e puxou-me para elas enquanto dançava ao ritmo da música. Tentei imitar os seus movimentos. Após alguns instantes iniciais de vergonha e timidez, comecei a divertir-me a sério, embora tivesse perdido o Nathan de vista. Tanto a Lissa como a Zandra juntaram-se a nós e formámos um pequeno círculo na pista enquanto a Sadie, um pouco mais afastada, conversava com um rapaz.

Meses antes, quando descobrimos que iríamos partilhar quarto na residência com outra rapariga, entrámos em pânico. Preocupava-nos a possibilidade de não nos entendermos bem com a nova colega e passámos o verão, durante o curso para estrangeiros, a imaginar como seria ela. No entanto, depois de conhecermos a Rachel em outubro, as nossas dúvidas desfizeram-se. Foi uma espécie de amizade à primeira vista.

A Rachel vinha do Norte de Inglaterra, mais concretamente de Leeds. Era encantadora. Acontecesse o que acontecesse, estava sempre a sorrir e passava aos outros essa atitude positiva que a caracterizava.

Dançava constantemente. E também cantava. Por vezes, quando estava no duche, ouvíamos os seus concertos privados desde o quarto. Tinha um fascínio absoluto por David Bowie e alegrava as manhãs quando cantarolava *There's a starman waiting in the sky. He'd like to come and meet us, but he thinks he'd blow our minds. There's a starman waiting in the sky?*

Na pista de dança, começou a tocar uma balada dos Scorpions e um rapaz muito alto e demasiado magro entrou no nosso círculo e dançou aquela música connosco. Estávamos perdidas de riso. Ele fingia que tinha um microfone nas mãos e, depois de cantar a Lissa parte da canção, aproximou-se de mim.

Nesse instante, notei que umas mãos me seguravam a cintura por trás.

— Estava a ver que não vinhas. — Senti o seu hálito quente na nuca e separei-me do grupo de raparigas.

O Nathan olhava para mim a sorrir. Não me surpreendeu que parecesse feliz, pois tinha passado uns momentos muito agradáveis com a outra rapariga. Transpirava e, durante uns instantes, a ideia de o tocar

provocou-me repulsa. Puxou a minha mão até que lhe toquei no peito de forma brusca e me beijou.

O beijo tinha um sabor salgado, a suor. Afastei-me do Nathan mal pude.

— Vi-te a dançar com uma rapariga e não quis interromper — disse-lhe num tom neutro, como se estivesse a falar do tempo.

— Léane, querida, podes interromper-me sempre que quiseres.

— Eh, obrigada?

Odiava a palavra «querida». Soava-me falsa, forçada e ridícula. Nunca a usava, embora fingisse que não me incomodava quando alguém me chamava assim.

Continuava a sentir o sabor desagradável do beijo do Nathan, razão pela qual procurei afincadamente no bolso o pacote de *M&M's*. Peguei numa bolinha azul de chocolate com leite e metia-a na boca. Melhor, muito melhor.

— Vamos pedir alguma coisa?

— Já bebi uma cerveja, mas vou contigo — respondi.

O Nathan entrelaçou os seus dedos nos meus antes de começar a caminhar em direção à sala da música *tecno*. Voltar àquele lugar era uma tortura lenta e dolorosa. A sala dos anos oitenta estava quase vazia, mas, ainda assim, podiam ter-se dignado colocar ali também um serviço de bebidas.

Tentávamos avançar por entre a multidão quando uma rapariga tropeçou à minha frente e atirou para cima de mim a sua *cuba-libre*. Genial. Estava completamente encharcada. Pensei que a noite não podia piorar, mas foi então que vi o Nathan a rir-se enquanto olhava para mim. Sim, podia piorar.

— Achas engraçado?

— Desculpa, querida. — Tapou a boca com a mão para esconder mais uma risada estúpida.

A rapariga da *cubra-libre* tinha desaparecido sem sequer pedir desculpa. Consegui encontrar no bolso um pacote de lenços e sequei o pescoço e a zona do decote o melhor que pude. Quando acabei e voltei a olhar para cima, havia três raparigas à volta do Nathan que tinham surgido do nada, como cogumelos misteriosos, e falavam com ele entre risos.

Ouvi algumas frases parvas à sorte:

«Fizeste um remate espetacular, fiquei louca quando marcaste aquele golo!»

«A tua franja fica melhor assim, penteada para o lado» (enquanto, de passagem, aproveitava para lhe passar a mão pelo cabelo e insistir ainda na sua opinião, caso algum dos presentes não tivesse percebido).

«É óbvio que nunca perdemos um jogo, faça chuva ou faça sol» (seguida de uma gargalhada irritante).

Apreciei aquela cena em silêncio. Ele parecia gostar que aquele grupo de raparigas o cercasse e idolatrasse. Já eu gostava tanto daquilo como de ser engolida por um tubarão-branco, mas o que importava isso? Nem sequer sabia se era sua namorada.

Agüentei mais um minuto, ali de pé como uma pateta, até furar por entre as jovens para chegar junto do Nathan. Fiz um sorriso falso, fingindo que não me importava o facto de me ter convertido num espantalho, sem vida nem coração nem ninguém que me falasse, no meio da discoteca.

— Acho que está na hora de me ir embora — comentei com o Nathan.

— Mas a noite ainda mal começou! — protestou. — Vamos, Léane, vai ser giro...

Uma das raparigas que estavam perto de nós olhou-me com tanto asco que me perguntei se teria algo de estranho no rosto sem o saber.

— Atiraram-me com uma *cuba-libre* — lembrei-o.

— Não é caso para tanto. — Olhou-me rapidamente de cima a baixo. — Pareces-me muito bem.

Pensei em pedir outra cerveja e atirá-la para cima dele, fazendo-o ver se era de facto pouco importante sentir a roupa quase desesperadamente colada à pele. Respirei fundo.

— Fica tu — disse com desagrado. — Vou ligar à Lissa.

Ele sorriu.

— És demais.

Aproximou-se e beijou-me mais uma vez. Aparentemente, ele ignorava que, naquele momento, eu fantasiava assassiná-lo de modo lento e cruel. Dei meia-volta e, sem me despedir do Nathan, caminhei determinada em direção à saída como se fosse uma luz no fim de um

túnel infernal. A jovem da caixa ofereceu-se para me colocar um selo da discoteca, caso eu quisesse voltar. Recusei a oferta sem diminuir a velocidade dos passos. Pedi-lhe o meu casaco que estava no bengaleiro e agradeçi a simpatia. Quando saí dali, senti-me profundamente aliviada.

O ar frio da noite acalmou-me. Havia bastante gente na rua porque era proibido fumar no interior da discoteca. Peguei no pacote de *M&M's* e comi uma bolinha verde enquanto ligava à Lissa.

— Onde estás?

— Não te ouço bem — disse. A sua voz era quase inaudível devido ao volume da música. — Quero ir para casa. Fica tu, posso apanhar um táxi.

— Eu vou contigo. Onde estás?

— Cá fora. Fico à tua espera à porta.

Ainda não tinha desligado quando senti uma mão intrusa a tentar tirar-me o pacote de chocolates. Quando percebi quem era o ladrão, revirei os olhos. Era definitivamente uma noite para esquecer.

— Nem sequer consegues comprar uns chocolates?

Guardei os *M&M's* no bolso para que ele não os conseguisse tirar. O Blake olhou para mim a sorrir. Um rapaz loiro, seguramente mais um dos seus amigos, estava encostado à parede e observava-nos a rir enquanto fumava um cigarro, com nuvens de fumo à volta da cabeça.

— Bebi demais, preciso de um pouco de açúcar — disse.

O Blake Lakker sacudiu o cabelo com naturalidade e algumas madeixas escuras caíram-lhe para a frente. Olhei-o de cima a baixo. Tinha braços bem definidos, era alto e os *jeans* que usava pareciam feitos à medida, mas, para ser honesta, na universidade havia uma infinidade de rapazes dignos de serem vistos, pelo que não entendia a fama que o Blake tinha entre as raparigas... até que levantei o olhar para o seu rosto e descobri duas coisas.

Em primeiro lugar, que os sítios fechados não o favoreciam, porque até àquele momento não me apercebera de que ele tinha umas pestanas compridas e pretas que valorizavam os olhos verdes mais impactantes que eu já vira. E, em segundo lugar, que aqueles olhos impressionantes olhavam fixamente para mim.

— Esse vestido fica-te bem — comentou.

— Como se a tua opinião importasse. E para de olhar para mim.

— Tu também estás a olhar para mim. Aliás, se quiseres material exclusivo, não me importo de to oferecer — disse enquanto levantava a *T-shirt*.

— Não. Obrigada, mas não. — Fi-lo parar rapidamente. — Por hoje, chega.

— Como queiras. — O Blake encolheu os ombros; costumava fazê-lo muitas vezes, como se as situações que os seus atos provocavam nada tivessem que ver com ele e resultassem de alguma coisa aleatória. — Dás-me um chocolate?

Demorei alguns segundos a decidir se estava a gozar com a minha cara ou se o seu comportamento se devia ao excesso de álcool. A imagem do Blake Lakker a caminhar de forma elegante no palco enquanto apresentava a sua reportagem distorcia-se.

Contendo um suspiro, tirei o pacote de chocolates do bolso e ele estendeu automaticamente a palma da mão para mim.

— Prometes que me deixas em paz?

— *Oui* — respondeu, a sorrir, e fiz-lhe um olhar assassino porque não achei nem uma ponta de graça à sua afirmação em francês. Depois, deixei cair na sua mão quatro bolinhas vermelhas. Ele observou-as com atenção. — Porque são todas vermelhas?

— São as únicas de que não gosto.

Meteu uma na boca sem deixar de sorrir.

— Sabem todas ao mesmo, a diferença é o corante.

— Eu sei, obrigada pela informação — esclareci.

Encontrei no interior do pacote mais três bolinhas vermelhas e deilhas, ao mesmo tempo que avistava a Lissa a sair da discoteca com ar preocupado que desapareceu assim que me viu. Pegou na minha mão mal chegou perto de mim.

— O que aconteceu, Léane? Não estavas com o Nathan?

— Quem é o Nathan? — perguntou o Blake sem parar de devorar os meus chocolates.

— Não, mas lá dentro sufocava e estou cansada.

— Está tudo bem, vamos para a residência — disse a Lissa.

Voltei-me de costas para o Blake, sem me dar ao trabalho de me despedir, e desatei a andar rua abaixo com a minha amiga. Ela começou a contar-me tudo o que falara com o Adam. E acalmou-me ouvir a sua voz calorosa e familiar.

4
Blake



Enquanto saboreava a última bolinha de chocolate vermelha, notei como a Léane se afastava rua abaixo. Pouco depois, dei meia-volta e tentei chegar perto do Adam e do Ryder, que olhavam para mim divertidos. As luzes dos postes alinhados na calçada distorciam-se. Respirei fundo e dei um passo em frente. Não sei por que razão, repetia mentalmente a frase «este é um pequeno passo para o homem, mas um grande salto para a humanidade». As minhas pernas moviam-se tão devagar que tive a sensação de flutuar na Lua. Voltara a beber demais. O meu fígado gritava: «Blake: temos um problema.»

Reparei na mão do Adam encostada às minhas costas.

— Está na hora de voltar para casa, amigo — disse.

— Querem que tente conduzir? Ultimamente tenho marcado muitos pontos no jogo de corridas da consola...

O Ryder soltou uma gargalhada; também ele bebera demais.

— É melhor ser eu a conduzir — sugeri o Adam.

— Vamos ficar mais um pouco! — pediu o Ryder.

— É um milagre que consigam manter-se em pé. — O Adam suspirou como um pai resignado. — Vamos embora. O Ryder nem sequer insistiu. Percorremos dois quarteirões até ao lugar onde estacionara o carro horas antes. O Adam pediu-me a chave e, mal ele abriu o carro deixei-me cair no banco do passageiro da frente. O Ryder preferiu deitar-se na parte de trás.

Um quarto de hora mais tarde, chegámos a casa. Tanto o Ryder como eu fomos para a cozinha. Abri a porta do congelador e recebi a luz do frigorífico como se fosse um clarão divino. Comer depois de uma noite de festa era quase um ritual.

Metemos uma piza no forno e sentámo-nos à mesa, na cozinha. O Adam espreitou à porta vestido com um pijama de cor creme, do qual costumávamos fazer troça, uma vez que parecia aqueles que usam os doentes dos hospitais.

— Vou para a cama. — Bocejou.

— Descansa, mano!

O Ryder passou os olhos pelas mensagens do telemóvel, sem grande interesse. Soltou uma gargalhada pouco depois e deu-me o telemóvel para que eu pudesse ver o que o fizera rir tanto. Enquanto ele tirava a piza do forno, li a mensagem com alguma dificuldade: «Não tenciono voltar a entrar nessa selva enquanto não me pedires desculpa por me expulsares. E também não quero ver os teus amigos. Liga-me JÁ.»

— Comporta-se como se fosse tua namorada. — Pousei o telemóvel sobre a mesa e peguei numa fatia de piza.

— A Kristen está maluca. Disse-lhe no início que não queria nada sério com ela.

— As mulheres são assim. — Fiz uma pausa para dar outra dentada e saboreei o queijo derretido. — Tentam sempre manipular-nos. Tem cuidado, acho que ela quer apanhar-te.

— Sim. — O Ryder franziu a testa. — Não tenciono acabar como o Adam.

No primeiro ano da faculdade, o Adam começou a sair com a Katie Heder e andaram juntos cerca de três meses, até que ela disse algo do género «estou a aborrecer-me, é o meu primeiro ano na universidade e antes de ter uma relação estável quero... experimentar coisas novas sabes, sabes»? O Adam ficou muito afetado com aquela rutura e decidiu que também ele não queria nada sério com nenhuma rapariga, pelo que se limitou a ter alguns casos sem importância.

No entanto, voltou a apaixonar-se no segundo ano — apaixonar-se estava nos genes do Adam, era quase inevitável. Nessa altura, a sortuda

foi a Shui Naoko, uma estudante japonesa. Namoraram durante sete meses. A Shui vivia mais ou menos na nossa casa, não havia maneira de a expulsar — experimentámos todas as técnicas possíveis, desde subtis indiretas, passando por pregar-lhe pequenas partidas, até passearmos nus pela sala. Mas nem assim. Apoderou-se da nossa comida, demorava horas no duche e até tentou mudar a decoração da casa porque detestava as minhas queridas plantas.

Por fim, trocou-o por outro.

— Em que estás a pensar? — perguntou o Ryder, depois de pegar na última fatia de piza.

— Em nada — neguei com a cabeça. — Só espero que o Adam tenha mais cuidado este ano.

Levantei-me da mesa. Sentia-me cansado e tinha sono. Depois de me despedir do Ryder, subi para o meu quarto e caí na cama sem tirar sequer a roupa.

Antes de adormecer, como fazia desde que me lembrava, risquei o dia correspondente no calendário pendurado na parede da cama. A cruz não saiu perfeita, mas o que importava era o significado: um dia a menos.

Doía-me a garganta. Engoli saliva devagar e tive uma sensação de ardor. Alguns segundos mais tarde, consegui abrir os olhos, mas fechei-os de novo rapidamente ao aperceber-me dos raios de sol que penetravam pela janela do quarto. Virei-me na cama na esperança de dormir mais um pouco.

Jurei que nunca mais voltaria a beber. Costumava prometé-lo muitas vezes, mas agora era a sério. Tinha a boca tão seca que me levantei da cama para ir beber água.

O Adam estava sentado à mesa da cozinha a comer torradas com manteiga de amendoim. A cozinha estava arrumada; ele juntara e lavara a louça que tínhamos deixado na noite anterior. Tirei uma garrafa de água fria do frigorífico e bebi quase metade de uma vez.

— Dói-me a cabeça — queixei-me enquanto esfregava as têmporas com as mãos.

— E isso surpreende-te? — Sorriu com timidez.

Sentei-me à mesa, à sua frente. Tentei tirar-lhe uma torrada, mas antes que pudesse fazê-lo, o Adam deu-me uma palmada na mão.

— Tens manteiga de amendoim no frigorífico — sentenciou com firmeza, como faria a minha mãe. Levantei-me resignado para preparar umas torradas.

— Não tens autocontrolo, Blake, é esse o teu problema — disse o Adam com a boca cheia.

— A que te referes? — Sem parar de espalhar a manteiga de amendoim no pão, olhei para ele por cima do ombro. Transferi o peso do corpo de uma perna para a outra; cada centímetro do meu ser doía-me como se tivesse corrido uma maratona na noite anterior.

— Na noite passada, nem sequer conseguias conduzir.

— O importante é que nos divertimos. Além disso, cumpri a promessa e não me aproximei de nenhuma gaja. — Sorri com inocência.

— Sim. — Ele levantou-se e deixou o prato no lava-loiça. — Especialmente se ignorarmos o facto de teres estado com uma das finalistas. Não sei o que lhe disseste, mas acho que não deve ter sido nada de bom.

A imagem da Léane veio-me à cabeça. Fragmentos dispersos da noite anterior ficaram mais uniformes. Ela com um vestido azul. Uma aposta de cerveja com colegas do terceiro ano. Bolinhas vermelhas de pequenos chocolates a escorregarem uma a uma na palma da minha mão. Uma superfície preta e lisa, o teto da discoteca. E luzes, muitas luzes de várias tonalidades misturadas na escuridão...

— Porque achas isso? — perguntei. O Adam, que estava prestes a sair da cozinha, apoiou uma mão na moldura da porta.

— Mostraste o teu lado mais simpático — explicou, sarcástico.

Encolhi os ombros. Iria superar aquela questão. Assim, podia ir decidindo contra quem não competir no concurso. Não acreditava que ela fosse uma verdadeira competidora, uma vez que não parecia ser muito esperta, mas por via das dúvidas...

Em silêncio, observei absorto a cerca da casa através da janela da cozinha. Pensei nos chocolates e perguntei-me porque não queria a Léane comer os vermelhos. Que parvoíce. Soprei ligeiramente, embora não houvesse ninguém na cozinha que pudesse ouvir-me.

A Léane era bastante vulgar fisicamente, mas eu gostava do seu rosto infantil, irradiava inocência. Nunca me agradaram as feições marcadas nem as caras demasiado apelativas. Tinha o cabelo comprido de um tom loiro-acinzentado. Não tinha a certeza se os seus olhos eram castanhos.

A primeira vez que a ouvi falar, durante o *casting* do concurso, não gostei do seu sotaque francês. Não porque fosse horrível, mas porque jogava a seu favor. Quando pronunciava as palavras, especialmente se o fazia devagar, soava de forma sensual.

Era uma vantagem injusta.

Eu era um gajo, caramba, não podia fingir que tinha voz de linha erótica.

De qualquer modo, duvidava que a Léane pudesse suportar a pressão de competir contra estudantes com mais experiência do que ela. Além disso, e como consequência, nós conhecíamos mais pessoas, o que tinha influência nas votações.

Depois de tomar duche, senti-me mais relaxado e com a mente desanuviada, embora ainda cansado. Aconcheguei-me no sofá ao lado do Ryder e do Adam, que estavam a jogar um videojogo de guerra.

— Ei, compraste alguma coisa para a Sarah? — perguntou o Ryder. Merda. Tinha-me esquecido de que era a festa de aniversário dela naquela tarde e íamos festejar com um lanche no *campus*. Abanei a cabeça. Oferecer presentes não era o meu forte, nunca acertava nos pormenores.

A Sarah era a minha única amiga. Não tinha muita confiança nela, para ser sincero, mas achava-a divertida, inteligente e, mais importante do que tudo, não me atraía fisicamente. Mantivemos sempre uma relação cordial desde o primeiro ano, fazíamos parte do mesmo grupo e senti-me um pouco culpado por me ter esquecido do seu aniversário.

— Porque não cortamos algumas das tuas flores e lhe damos um ramo?

— Nem morto. — Levantei um dedo.

— O que fazemos então?

— Não sei, liga aos outros e diz-lhes que vamos participar no presente conjunto.

O Ryder parou de olhar para o ecrã da televisão e sorriu, dando a entender que uma ideia maquiavélica acabara de percorrer a sua mente como uma estrela cadente.

— Já sei! Vou preparar um bolo de aniversário.

— Não, mano, por favor.

— Porque não?

— Isso não seria um presente, mas sim um castigo cruel. — O Adam desligou o videojogo e o ecrã ficou azul.

— Esqueci-me de dizer que não vou à festa de aniversário. — Levou as mãos à barriga. — Não me sinto bem.

Avaliámo-lo ambos em silêncio. Cada fibra do seu corpo, cada gesto do rosto ou, melhor dizendo, a tentativa enorme de conter qualquer expressão, indicavam que o Adam mentia. Optei por não me intrometer nos seus assuntos e não fiz qualquer pergunta, embora morresse de vontade de saber o que raio estava a esconder. Por volta das cinco da tarde, fomos à festa da Sarah.

O Ryder conseguira fazer uma espécie de bolo, depois de pesquisar sobre o assunto na Internet. Eu não tinha qualquer intenção de o experimentar. Por fora, parecia normal, mas por dentro era uma bomba-relógio. Os únicos ingredientes que ele usara eram açúcar, água, farinha e um pacote inteiro de canela. Delicioso.

Eu não quis pegar no carro para ir à residência onde a Sarah morava porque era complicado estacionar naquela zona. Apanhámos o autocarro e caminhámos pelo *campus*. O Ryder tirou o maço de cigarros do bolso das calças e acendeu um cigarro. Ao longe, viam-se vários edifícios de pedra perto de um enorme jardim relvado. Havia muitos estudantes deitados na relva, que aproveitavam a tarde de sábado relaxante e os poucos raios de sol que em breve desapareceriam e dariam lugar ao céu encoberto que, geralmente, se apresentava sobre a cidade.

Na entrada principal, encontrámos vários colegas de turma. O Jack cumprimentou-me com uma palmada forte nas costas e o meu corpo abanou dolorosamente; ainda não tinha recuperado da noite anterior.

Algumas raparigas do grupo, juntamente com a Sarah, chegaram pouco depois. Todas elas traziam pratos cobertos com papel de alumínio

e supus que escondiam o lanche que tinham preparado. Instalámo-nos no relvado, apenas a alguns metros da porta principal da residência. Formámos um pequeno círculo e pusemos os pratos no meio para que estivessem ao alcance de todos.

Se havia algo que eu valorizava nas mulheres, era como conseguiam estar atentas aos pormenores. Entre todas, tinham preparado o lanche, um bolo de aniversário decente — ao contrário do do Ryder — e até haviam comprado presentes.

— Adoro! — gritou a Sarah ao desembulhar um dos presentes. Com os olhos fechados, abraçou um par de sapatos vermelhos de salto alto. — Muito obrigada!

Inclinei a cabeça, com o olhar fixo na superfície brilhante dos sapatos... Por que raio não comia a Léane as bolinhas vermelhas? Provavelmente, por causa de uma parvoíce qualquer, mas a urgência de entender a razão tornava-se mais incontável.

Quando a Sarah acabou de desembulhar os presentes, começámos a comer. Mal provei alguma coisa, uma vez que ainda estava com o estômago revirado. Vários colegas tiveram de cuspir depois de experimentar o bolo do Ryder, e ele ficou tão envergonhado que tive vontade de o consolar.

Aproveitando o facto de estarem todos a conversar de forma animada, aproximei-me da Sarah para lhe sussurrar.

— Sabes se a Léane Bouvier vive na tua residência?

A Sarah franziu a testa, como se não soubesse de quem falava, mas sorriu logo a seguir.

— Referes-te a uma das tuas rivais no concurso? — Cerrei os lábios, divertido, e levantei um dedo em sinal de advertência.

— Ela não é uma rival digna para mim — protestei. — Na verdade, até me sinto mal por concorrer contra ela, o nível está muito desequilibrado; pobre coitada. — A Sarah esforçou-se por não se rir, embora me olhasse com os olhos semicerrados. — Mas sim, estou a falar dela.

— E porque queres saber isso? — Observou-me com atenção, depois de engolir uma batata frita. — Ei, ela parece uma boa miúda, mas não faz o teu género, Blake.

— Muito engraçada — respondi. — Só quero conversar com ela sobre alguns assuntos que dizem respeito ao concurso. — Mostrei-lhe o meu sorriso mais inocente.

— Tudo bem. — Revirou os olhos. — Sim, está na minha residência, acho que no quarto vinte e oito. Ou não, espera, talvez seja o vinte e seis. — Coçou o queixo pensativa, antes de olhar para mim de novo. — Não, não, definitivamente é o vinte e oito, sim.

Levantei-me e sacudi os restos de relva das calças de ganga. O Ryder olhou para mim.

— Já volto — disse. — Tenho de fazer uma coisa.

Atravesei os jardins do *campus* que me separavam da residência e entrei pela porta principal. Subi as escadas quase a ofegar; ansiava voltar para a cama e descansar, não tinha a intenção de sair naquela noite. Percorri o corredor do terceiro piso e bati com os nós dos dedos na porta do quarto vinte e oito.

Sinceramente, não sabia o que estava a fazer, mas, de repente, senti a necessidade urgente de descobrir mais sobre a Léane e o mistério dos chocolates vermelhos.

Quando ela abriu a porta, olhou para mim confusa. Tinha o cabelo loiro despenteado e preso numa espécie de coque. Vestia um pijama de verão com um estampado colorido; os calções deixavam as suas pernas à mostra e não pude, ou não quis, evitar baixar o olhar.

— O que é suposto fazeres aqui?

— Mostrei-lhe o meu sorriso mais encantador.

— Estava só de passagem. Vais convidar-me a entrar ou deixamos o silêncio prolongar-se até ficar desconfortável?

Com a testa franzida, afastou-se para me deixar entrar e, depois, fechou a porta com o pé enquanto mantinha os braços no ar como se alguém estivesse a apontar-lhe uma arma durante um assalto.

— O que raio tens nas mãos?

— Pinteí as unhas e o verniz ainda não secou — respondeu.

O quarto era do mesmo tamanho daquele que eu arrendara no meu primeiro ano, quando vivia na residência. Cada cama tinha uma secretária ao lado e, ao fundo, havia uma porta que levava a uma pequena casa de banho.

Vários peluches estavam pousados em cima de uma das camas. Para quebrar o gelo, decidi fazer um comentário engraçado em relação àquilo, mas percebi que a Léane afastava um urso azul com o cotovelo para se sentar sobre a colcha. A cama ridícula era dela. Tentei não me rir.

Ela esfregou o olho com o cotovelo e inclinou a cabeça.

— E agora o que estás a tentar fazer?

— Entrou qualquer coisa para dentro do meu olho.

— Deixa-me ver. — Ofereci-me com um suspiro, e inclinei-me para ela. Um aroma intenso a baunilha envolveu-me. Estávamos separados apenas por alguns centímetros e consegui ver que, sem dúvida, os seus olhos eram castanhos; um tom doce que me lembrou a cor do caramelo derretido. Afastei-me depois de perceber qual era o problema. — Tratava-se de uma pestana.

— Um desejo perdido — murmurou com um tom de lamento e, quando a olhei fixamente, a Léane corou de uma forma encantadora que me arrancou um sorriso zombeteiro.

— Envergonhada? Fica sossegada, não vou contar a ninguém.

— Porque ficaria envergonhada? — Arqueou as sobranceiras.

Divertido, inclinei-me um pouco para ela. Sendo sincero, era bastante engraçada porque tinha um ar inocente que contrastava com o seu lado mais sabichão. Era de certeza a típica presunçosa que punha a mão no ar nas aulas com tanto ímpeto que quase deslocava o ombro.

Inspirei profundamente.

— Cheiras a quê? Baunilha? Talvez coco? Gosto.

— Não é da tua conta. Além disso, ainda não percebi o que vieste aqui fazer.

Ignorei-a e virei-me. Olhei para a sua secretária com desinteresse aparente, como se estivesse a ver uma exposição de arte entediante. Era tudo muito colorido: cadernos desenhados com mensagens parvas como «Sorri, hoje é um bom dia», canetas com brilhantes, notas fluorescentes, pequenos cliques cor-de-rosa que não deviam servir para segurar nada e até, surpreendentemente, uma borboleta de plástico com as asas abertas colada na parede do fundo.

— Importas-te de parar de bisbilhotar? — protestou, seguindo-me pelo quarto. — És bastante insuportável, nunca ninguém te disse isso?

— Talvez já alguém o tenha mencionado — admiti.

Ouvi a Léane a suspirar, impaciente.

— Ouve, tenho coisas importantes para fazer... — Olhei-a por cima do ombro e sorri.

— Como pintar as unhas? — perguntei.

— Sim, por exemplo — respondeu. Desviei o olhar do edredão piroso, antes que tivesse um pico de açúcar, e olhei para a Léane. Parecia indignada, não como se estivesse zangada com alguma coisa importante, mas antes aborrecida por encontrar uma maçã numa taça de laranjas.

— Para ser sincero, vim porque gosto de conhecer os rivais e também queria saber porque não comes os chocolates vermelhos. Pensei nisso e não faz sentido — expliquei de forma séria, como se entender aquilo fosse um direito legítimo.

A Léane franziu a testa e cruzou os braços.

— Porque te interessa isso? Não te vou dizer.

— É algum tipo de trauma de infância? — insisti.

Ela revirou os olhos, foi até à porta e abriu-a, num convite claro para eu sair. Dirigi-me para lá relutante.

— Sai, Blake. Estou ocupada — disse.

— Sim, é melhor dedicares o tempo a ensaiar para o concurso — aconselhei. — É bom que te ponhas ao nível dos outros. Boa sorte com isso.

A Léane fechou a porta com um estrondo que ecoou pelo corredor da residência. Abanei a cabeça sem parar de sorrir. Que mau humor.

Cheguei a tempo de ver a Sarah a apagar as velas e a cantar os parabéns com os outros. Descartei a ideia de comer bolo e voltámos para casa cedo. O Ryder entrou primeiro e, enquanto colocava as chaves na consola da entrada, ouvi-o gritar.

— Que filho da mãe, meu! Mentiste-nos!

Quando fui à sala, vi o Adam sentado à mesa, cheio de apontamentos, ao lado de uma rapariga que me parecia familiar: a amiga da Léane.

Pelos vistos, estavam os dois a estudar.

O Adam escondeu o rosto com as mãos, talvez envergonhado pela nossa interrupção e a reação do Ryder. Ela, por seu lado, sorriu.

— Chamo-me Lissa — disse, enquanto me estendia a mão firmemente. — Espero que a tua imbecilidade de ontem à noite tenha sido temporária.

Pestanejei confuso.

O Adam olhou-me com raiva, como se estivesse a desafiar-me para ver se me atreveria a enfrentá-lo. Cerrei os lábios com força e contive-me. Ele começou a recolher os livros e a colocá-los numa mochila.

— O que achas de continuarmos na biblioteca?

— Claro que sim. — A Lissa fez-lhe um sorriso impróprio para diabéticos. Colocou a alça da mochila sobre o ombro direito, mas o Adam ofereceu-se rapidamente para a levar, como se fosse um burro de carga, e a Lissa aceitou de bom grado. Que cena mais patética.

Mal saíram, o Ryder enfiou dois dedos na boca e fingiu vomitar. O gesto fez-me rir.

— Mentiu-nos — protestou. — Disse que estava adoentado...

— Achas isso o pior? — Dei-lhe uma palmada nas costas e olhei para ele divertido. — O pior é que há mais de quinze mil estudantes nesta cidade e ele teve de olhar logo para a melhor amiga de uma das minhas adversárias. — Suspirei. — Parabéns, Adam, desta vez superaste-te — concluí com ironia, embora ele não pudesse ouvir-me.